

## Resenha

# Pena de Aluguel

João Augusto Moliani\*

“Eu te sentencio a escrever para os jornais pelo resto de seus dias, tendo ou não alguma coisa a dizer, estando ou não doente, desejando ou não escrever”  
Olavo Bilac, em crônica de 1887.

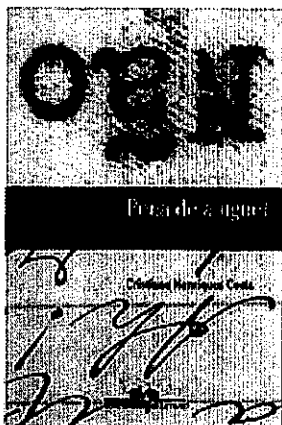
O livro *Pena de Aluguel*, de Cristina Costa, é uma viagem. Uma deliciosa viagem pelo mundo da literatura e do jornalismo no Brasil. Ela começa no século XIX e termina no início do século XXI.

Para descrever essa história a jornalista, pesquisadora e professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro empreendeu uma pesquisa minuciosa, primeiramente sobre os profissionais que atuam nessas duas áreas e depois sobre como ambas, tão imbricadas, vão se distanciando a partir da profissionalização daqueles que trabalham com a escrita.

Seu texto é leve e atraente, como o de bons escritores e jornalistas.

O trabalho é dividido em cinco momentos da literatura nacional, retratados a partir das vidas de seus principais jornalistas-escritores: De 1808 a 1830, quando o Brasil publica seus primeiros jornais e livros; de 1840 a 1910, quando se confrontam o reinado do publicista e a república dos homens de letras; de 1920 a 1950, que foi a era da modernização; de 1960 a 1980, quando há um boom de ficção feita por jornalistas e de 1980 a 2004, em que se descarta a experiência tradicionalmente fornecida pela imprensa e os escritores-jornalistas deixam as hard news para se acomodarem nos cadernos de cultura.

Conforme a própria Cristina Costa afirma no site do livro ([www.penadealugel.com.br](http://www.penadealugel.com.br)) “vale explicar que só foram



*Pena de Aluguel*. Cristina Costa, Cia das Letras, 2005.

## Biografia

\* Jornalista, mestre em Lingüística (UFPR). É professor das disciplinas de Redação Jornalística Informativa e Planejamento Editorial na UniBrasil.

considerados jornalistas aqueles que efetivamente trabalham/trabalharam na imprensa como repórteres, redatores e editores, assim como escritores apenas os que trabalham/trabalharam com a imaginação, produzindo ficção ou poesia”.

A idéia primordial, de saber se o jornalismo auxilia ou atrapalha a produção literária, não é nova e a autora a credita à necessidade de atualizar um questionamento feito por João do Rio em 1904 - “o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”, o motivo do livro. Cristina criou um rol de perguntas e as enviou aos autores contemporâneos. Com base nisso, e no detalhamento do que conseguiu João do Rio, aliada à contextualização da vida desses homens e mulheres que se dedicam a escrever ficção e reportagens ela fez uma belíssima obra. Aproveitando o momento tecnológico, além do literário, também criou o site e lá estão as entrevistas feitas por ela com os autores atuais, além de outros extras.

## O começo

A disputa inicial para saber se há algum atrapalhamento entre jornalismo e literatura ficou praticamente empatada, mas os escritores que acreditavam ter o jornalismo papel relevante de auxílio à produção literária venceram por 11 x 10 dos que o consideravam um estorvo. Outras 11 respostas defendiam tanto uma coisa quanto outra coisa.

Analisando as respostas daquele início de século chega-se às principais interferências positivas do jornalismo na literatura: “pagamento, divulgação, experiência, exercício e legitimação”. Por outro lado aparecem ques-

tões como o “mercantilismo, banalização, esterilidade, falta de tempo e favorecimento”. Desse debate – ou embate - surgiu “O momento literário”, de João do Rio, considerado como um dos principais registros da vida intelectual do Brasil.

O jornalismo funcionava para a literatura como uma porta de serviço. Como apenas poucos privilegiados conseguiam se manter sem trabalhar com outra atividade, os jornalistas batalhavam nas redações durante parte do dia ou da noite (às vezes do dia e da noite) deixando para a literatura as horas que sobravam. Foi assim com as grandes referências nacionais como Machado de Assis, José de Alencar e Olavo Bilac, por exemplo. Alguns deles publicavam suas histórias em capítulos nos jornais, o grande meio divulgador da época, para depois colocá-los em livro.

Com a modernização e a inserção do noticiário e da reportagem nas páginas impressas dos periódicos, o escritor passa a trabalhar com a chamada hard news. A grande vantagem desses “homens das letras” é que eles tinham preferência na contratação pelos jornais, uma vez que eram considerados mão-de-obra previamente qualificada em um momento que se exigia maior agilidade dos jornalistas.

Tem palco nessa época a discussão entre arte prostituída, daqueles que se renderam ao sistema, como Bilac, que, não servindo às profissões imperiais (Direito, Engenharia e Medicina) arrumou emprego no

Diário Mercantil e nunca mais saiu do jornalismo, e a arte pura, desinteressada, dos apocalípticos, que viviam à margem dos círculos letrados do Rio de Janeiro. Era o caso de Lima Barreto, que se rebelava quando a questão era escrever notas elogiosas aos figurões de plantão e desabafou a um amigo: “a minha pena só me pode dar dinheiro escrevendo banalidades para revistas de segunda ordem. Eu me envergonho e me aborreço de empregar, na minha idade, a minha inteligência em futilidades”.

Floresce o negócio da literatura ou a literatura como negócio e vários autores passam a viver de seus livros. Mas, até que Monteiro Lobato se empenhasse em expandir a comercialização dos livros para além das poucas livrarias da capital federal e de São Paulo, e colocasse a questão da produção serial como fundamento para esse negócio, o dinheiro oriundo das letras ainda era escasso. Alguns literatos, inclusive, não o viam com bons olhos. É de se lamentar apenas que apesar da evolução das últimas décadas não tenhamos ultrapassado em grande número a quantidade de pontos de venda da época de Lobato.

Ele, que trabalhou no Estadão e chegou a redator-chefe depois que a gripe espanhola derrubou a cúpula do jornal, utilizou técnicas de marketing e propaganda para produzir seus livros e alcançar grandes vendagens. À medida que alcançava sucesso como editor, lançou vários outros autores como Lima Barreto, Oswald de Andrade e Menotti del Picchia, sua obra literária diminuía. Esse era o dilema de sua vida e o consumiu até o fim de seus dias: escrever ou sobreviver?

A costura da história das relações dos escritores com a imprensa feita por Cristina Costa passa também pelas vidas de Érico Veríssimo (“sim, meus primeiros livros foram escritos às pressas, em aparas de tempo, durante um período de minha vida em que eu trabalhava mais de dez horas por dia na revista e na Editora Globo [...]”), de Jorge Amado (“que com 15 anos começou a trabalhar como repórter de polícia e inovou ao introduzir reportagem no romance Capitães de Areia”), de Graciliano Ramos (“o temido e admirado revisor do Correio da Manhã que, defendendo a objetividade, rugia ‘Outrossim é a puta que o pariu’”). Percebe-se que, apesar de reclamarem do tempo e do trabalho jornalístico, as obras desses autores refletem a experiência que tiveram nas redações.

Nessa época acontecem as maiores inovações do jornalismo: o surgimento do lead, a economia das palavras, os manuais de redação. São frutos dessa geração Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, este tido como um chefe tirano, e que afirmava fazer apenas mais uma coisa com prazer, além da literatura, o jornalismo profissional. O contrário desses homens era Nelson Rodrigues, para quem os “idiotas da objetividade” estavam acabando com o jornalismo.

Na segunda metade do século XX, logo após o golpe militar de 1964, começam a aparecer os representantes da “geração da ditadura”, um time que escrevia livros para fugir da censura nos jornais, muito mais rigorosa que nas editoras. Surgem Paulo Francis (que esquadrinha as redações dos anos 60 e 70), Carlinhos Oliveira (e suas crônicas da vida carioca), João Antonio (que critica os colegas de profissão e traz para o romance a lingua-

gem das ruas, esquecida pelos jornais). Até os anos 80 as obras literárias desses jornalistas revelavam os bastidores da ditadura, assim como a própria engrenagem dos sistemas de informação através de romances-reportagens, ficção realista ou memórias da guerrilha, como fizeram Ivan Ângelo e Gabeira.

A nova geração começa a se destacar no início dos anos 90 é apresentada pela autora a partir da descrição do questionário aplicado aos autores. Tanto a enquete feita por João do Rio quanto o número de autores consultados sofreu um substancial aumento. Foram selecionados 32 jornalistas-escritores para responderem as 13 perguntas originadas da questão capital colocada por João do Rio. Para traçar o perfil dessa geração, ainda em desenvolvimento, era fundamental saber, entre outras coisas: Se o autor pretendia ser escritor quando ingressou no jornalismo? Se a linguagem dos jornais oferece um aperfeiçoamento formal ou bloqueia o texto literário? A profissionalização por intermédio da imprensa permite a sobrevivência financeira do escritor ou o afasta de seu caminho? Visibilidade, ingresso no mercado editorial, maior penetração nos círculos intelectuais compõem fatores negativos, como a falta de tempo, por exemplo, ou o pouco espaço para a sensibilidade artística numa redação? Além disso, a autora estimulou os próprios escritores-jornalistas a listar os pontos a favor e contrários às atividades comuns.

Na análise das respostas feita por Cristina, a primeira constatação é a de que os autores atuais, com algumas exceções, não estão mais nas editorias de hard news (geral e polícia), mas em Cultura, mais próximos dos círculos intelectuais e das editoras. A preocupa-

ção do jornalista-escritor não está mais na realidade brasileira, ele se identifica, se foca, se limita a trabalhar com a própria cultura, alta cultura ou de massa, demonstrando inclusive des-caso com os aspectos mais ligados ao cotidiano, como respondeu Paulo Roberto Pires: "(A editoria de Cultura) é a única na qual tenho condições intelectuais e informação para trabalhar. No resto, sou um fracasso. Em esportes e economia chego a não entender as matérias que leio; ou melhor, que não leio, pois não vou perder tempo com o que não me interessa".

Percebe-se que, no processo criativo, há uma desvalorização da experiência e passa a se destacar uma meta-literatura. Entrando no aspecto comezinho das redações, Cristina Costa mostra que, devido às restrições impostas pela necessidade de formação e pelo perfil atual de produção, o jornalismo perdeu a aura de ser uma alternativa para publicação e reconhecimento, uma vez que muitos autores divulgados nos próprios jornais são bloqueados em outros. Ele continuou sendo, na verdade, a alternativa menos ruim de trabalho para quem, como Bilac, queria escrever e não tinha condições, estômago ou habilidade para ser médico, engenheiro ou advogado.

Ao ter que encarar o jornalismo como obrigação, os jornalistas-escritores atuais deixaram de tentar descrever/desvendar o mundo e se exilaram nas redações, talvez acossados pela lógica da produtividade ou pelo enxugamento das equipes ou simplesmente por desprezo pelo dia-a-dia dos mortais comuns. Cristina aponta apenas duas exceções: Marçal Aquino e Luiz Rufatto.

Talvez por isso, a maior parte deles afirma que o jornalismo contribui para o desen-

volvimento do escritor, alguns, como Bernardo Carvalho, cita como fator primordial a experiência que proporciona ao permitir o contato com pessoas e situações que, sem o pretexto da reportagem, não haveria como conhecê-los, outros, como Marçal Aquino, pela depuração da linguagem que a produção jornalística permite. É interessante observar que os temas mais atraentes para os escritores contemporâneos são, além da cultura, a violência e também a cidade, agora vista agora com outro olhar e não mais aquele de desvelamento.

A questão da sobrevivência física do escritor é outro fator que influencia o trabalho na imprensa. Apesar de não haver mais o emprego estável de épocas anteriores, ele ainda serve para subvencionar sua literatura. O agravante está no fato de que a constante ameaça de demissão exige, muitas vezes, que o jornalista tenha mais de uma atividade remunerada e faz com que sobre ainda menos tempo para o escritor de hoje do que restava a Veríssimo.

Geograficamente, Cristina Costa constatou que a produção está mais concentrada em São Paulo, seguida pela que fica próxima do mar, no Rio de Janeiro, e aponta uma perda de peso da literatura nordestina e mineira em termos nacionais. As mulheres também não se desenvolveram nessa seara ou saara dos escritores. Dos 32 entrevistados, há apenas três representantes do sexo feminino (Cíntia Moscovich, Heloisa Seixas, Rosa Amanda Strausz) e, quando da publicação do livro, todas estavam afastadas das redações.

Ela ainda faz uma "crítica" à evolução do texto manual para o da máquina de escrever e o do computador, mostrando que isso resultou em jornadas maiores, com produ-

ção em ritmo industrial e problemas de saúde que podem impossibilitar a escrita. O computador permitiu reduzir o tamanho das redações e produzir mais em menos tempo. Pelo lado bom, com ele, outra forma de escrita aparece. Além da facilidade criada para o escritor de ficção, o que fez até Carlos Heitor Cony voltar a esse gênero, ele permite o surgimento de um novo padrão de linguagem, cinematográfica, não linear.

Somente após descrever o que chamou de momento literário 2000, fechando os últimos cem anos dos jornalistas-escritores, é que a autora sente-se à vontade para apresentar as respostas à questão principal do livro: "O jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?". Dos 32 entrevistados, a grande maioria (15) afirmou que essa relação é positiva, outros dez a consideraram tanto boa quanto ruim e apenas cinco disseram ser prejudicial. Dois não responderam.

O principal ponto positivo apontado pelos escritores-jornalistas é a possibilidade de viver da escrita, mas também pesou em prol do jornalismo o desenvolvimento de valores como: Disciplina, prática diária da escrita, exercício da clareza e da concisão, ampliação do contato com o mundo (mesmo mediado pelo jornal ou pelo livro). Entre os pontos negativos estão os oriundos ao sistema de produção capitalista na imprensa: baixos salários, longas jornadas de trabalho, estresse, competitividade e tendinite.

Outro aspecto a ser destacado, e que diferentemente dos pontos prós e contras, é o oposto do que acontecia na época de João do Rio, é uma clara diferenciação entre autores escritores e jornalistas feita pelos próprios

Journalistas-escritores. Cristina constatou que esse é um fenômeno recente: “A condição de autor, pelo menos a de autor que pode viver de sua própria pena, foi alcançada pelo escritor ao mesmo tempo que pelo jornalista. (...) Depois de conquistar o mercado, os dois campos ganharam autonomia em relação ao governo, à aristocracia e à igreja. Mas justamente porque a literatura é uma profissão aberta, que não exige qualquer formação técnica especial, foi preciso que seus aspirantes erguessem fronteiras contra seus vizinhos mais próximos, os jornalistas, transformando o escritor em uma categoria distinta”. E, citando Foucault, ela afirma que não há no jornalismo o conceito de autor que “instaura certo grupo de discursos e seu modo singular de ser”.

Essa questão, a da autoria, seria o fiel da balança na distinção entre o jornalismo contemporâneo e a literatura, mais que a linguagem inclusive. Enquanto a literatura é a expressão da interioridade, o jornalismo traz a informação. “Sua autoridade não emana da subjetividade ou da imaginação do autor, mas de seu compromisso de comunicar a verdade. Especialmente quando o estilo europeu de jornalismo opinativo e analítico cede espaço ao modelo objetivo, impessoal e informativo da imprensa americana”, defende a autora.

Serve de gancho para uma nova etapa do livro, o relato histórico da construção dessas duas identidades no Brasil, desde que Gregório de Matos, o ‘Boca do Inferno’, exercia funções parajornalísticas ao retratar “a cobiça dos poderosos, os desmandos do clero e a vida dupla de cidadãos respeitáveis” na Bahia seiscentista, passando pela luta para a impressão do Correio Braziliense, em 1808,

por Hipólito da Costa, até mudança no perfil dos autores e da própria profissão jornalística nas últimas décadas do século XX.

Infelizmente isso faz com que o último terço tenha um ar de *de já vu*, pois a história dos escritores-jornalistas é o amálgama da relação entre imprensa e literatura e a repetição das personagens cansa um pouco o leitor. Mas não é nada que impeça de aproveitar o relato sobre o hibridismo desses gêneros: do folhetim à crônica, do new journalism ao narrative writing, até chegar à ruptura de alguns jornalistas-ficcionistas com o principal pilar da profissão: a relação com a realidade.

São mostrados os casos de Janet Cooke, do The Washington Post, que inventou uma história ganhadora do Prêmio Pulitzer, e, recentemente, de Jason Blair, que criou lugares e informações em suas reportagens para o New York Times. Do lado brasileiro apareceram David Nasser, contando aventuras amazônicas a partir do jardim zoológico do Rio, e o próprio Nelson Rodrigues com suas crônicas policiais.

A conclusão de Cristina Costa é que “o processo de especialização literária levou a uma rígida distinção entre ficção e outros tipos de escrita, como o jornalismo, a filosofia, o ensaio, o estudo histórico”. Eles podem ou não possuir mérito literário, mas não são encarados como obras desse gênero.

Mas, além de tentarem se distinguir de seus colegas de redação, outro problema enfrentado pelos jornalistas-escritores é que os que mais vendem livros são aqueles que escrevem não ficção, como Fernando Morais, Caco Barcelos, Eduardo Bueno,

entre outros. Para Cristina Costa isso é reflexo do momento pelo qual a ficção nacional está passando, algo como o que viveu o cinema doméstico há dez anos: “Se é brasileiro, não vi e não gostei”.

Além da falta de divulgação, e dos preços altos, outro fator que contribui para as baixas vendas da ficção brasileira é o fato de termos leitores de menos no país. A autora apresenta pesquisa realizada pelo INAF (Indicador Nacional de Analfabetismo Funcional) aponta que 30% dos brasileiros não conseguem ler nada mais complicado que um outdoor. Outros 37% chegam a entender textos curtos. Só 25% têm pleno domínio da língua, e se desconsiderarmos aqueles que acham a leitura uma perda de tempo, teremos como reflexo o resultado da nossa indústria editorial: a maioria das tiragens em torno de dois mil exemplares e praticamente a mesma quantidade de pontos de distribuição que havia na época de Monteiro Lobato.

Para a grande massa, como previu Antonio Candido, em 1960, sobrou buscar satisfazer suas necessidades de ficção e poesia fora do livro, em telenovelas, filmes ou seriados. Que é um dos caminhos em que os escritores contemporâneos, transformados em roteiristas, seguem para conseguir gerar renda e se dedicar à produção literária.

Cristina Costa deixa para o final do livro dez pontos de conflito e convergência entre a literatura e o jornalismo ao longo dos últimos 100 anos, que servem para eliminar alguns lugares-comuns da relação entre essas áreas e também jogar um pouco de luz sobre questões obscuras de nosso mercado editorial e jornalístico.

São eles: *Arte x Mercado*, que se transformou no dilema de uma pseudo-escolha entre prostituição e monastério. *Artista x Trabalhador*, o mito do artista em tempo integral. Conseguir dedicar-se exclusivamente à arte está mais para a exceção do que para a regra. *Linguagem condicionada x Linguagem criativa*, é o contraste da normatização da linguagem jornalística e da experimentação, por excelência da linguagem literária. *Experiência x Esterilidade*, dilema de quem não consegue se livrar da rotina da redação. Alguns dos escritores aprenderam seu artesanato como repórteres, nas ruas, interagindo com pessoas fora do seu meio, mas isso pode viciar o escritor e bloquear sua imaginação. *Visibilidade x Preconceito*, a busca do reconhecimento e da legitimidade como autor pode ser visto como um empecilho ao repórter e prejudica-lo. *Perenidade x Imediatismo*, a busca pela preservação do nome no jornal se esquece da obsolescência na literatura que cada vez mais abarrotta as prateleiras de livros. *Fato x Ficção*, nessa luta se busca a fuga da panela de pressão, a independência da depreciação da arte/imaginação em uma imprensa massacrante. *Objetivo x Subjetivo*, à morte do autor como um ser casto e incorruptível corresponde a morte do repórter como produtor da verdade. *Tempo x Dinheiro*, à adequação na profissão de jornalista corresponde à dificuldade na continuidade exigida pelo trabalho literário. “Mais que sua pena, é seu precioso tempo o que o escritor vende para o jornalismo”, diz Cristina. *Local x Universal*, a relação entre jornalismo e literatura não é privilégio dos brasileiros. Ela é universal e aparentemente infinita.

E, para quem ainda quer mais, há centenas de notas dispostas em ordem numérica por capítulos, a bibliografia consultada pela

autora e um índice onomástico para a localização dos autores. É um trabalho de fôlego que merece a atenção de quem pretende tanto conhecer o jornalismo quanto a literatura brasileira ou se dedicar a escrever para qualquer um dos dois senhores.

#### Sumário:

1. Momento literário 1900 - entre a arte e o dinheiro
2. Momento jornalístico 1900 - escritor, profissão repórter
3. O papel e a pena de um escritor jornalista - prostituta ou mendigo
4. Literatura como negócio - best-sellers nacionais / sucesso comercial e autonomia política
5. O papel e a pena do jornalista escritor - o manual de redação/a cartilha modernista/a doce música mecânica/os idiotas da objetividade
6. Mediação e missão - a lógica da esquerda/a lógica da direita/em cima do muro/à margem/a lógica do contrabando/a lógica da luta armada
7. momento literário 2000 - novos dilemas
8. momento jornalístico 2000 - reconfiguração de conteúdo
9. romances x personagens - o que é um escritor/o que é um jornalista
10. a mesma tecla - gêmeos incestuosos/um longo namoro
11. fronteiras cruzadas - folhetim e sensacionalismo/a crônica do rodapé ao alto da página/isto não é uma crônica, ou é?/a influência do new journalism/a reação via narrative writing
12. real e ficcional - a era do ilusionismo/o que não é jornalismo/blog: a fonte fala/making of/o que é e o que não é literatura?/o novo romance realista
13. hierarquias alteradas - best-sellers e worst-sellers/efêmeros e perenes
14. Problemas comuns - tempo é dinheiro/ leitores de menos